



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO TÉCNICO E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA –
PROEAD – PARFOR/UEPB/CAMPUS IV
CURSO: LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ARCLÉBIO DE LIMA SILVA

**A AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

CATOLÉ DO ROCHA -PB

2019

ARCLÉBIO DE LIMA SILVA

**A AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia, pelo Programa de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR/UEPB/CAMPUS IV.

Orientadora: **Profa. Ms. Maria Fernandes de Andrade Praxedes.**

Catolé do Rocha – PB

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586a Silva, Arlebio de Lima.
A aquisição da leitura e escrita nos anos iniciais do ensino fundamental [manuscrito] / Arlebio de Lima Silva. - 2019.
28 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação EAD em Primeira Licenciatura em Pedagogia do Parfor) - Universidade Estadual da Paraíba, EAD - Catolé do Rocha, 2019.
"Orientação : Profa. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes. , Departamento de Letras e Humanidades - CCHA."
1. Leitura. 2. Escrita. 3. Ensino. 4. Aprendizagem. 5. Estágio supervisionado. I. Título

21. ed. CDD 372.4

ARCLÉBIO DE LIMA SILVA

**A AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

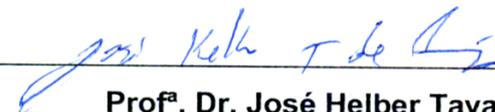
Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito para obtenção do
grau de licenciado/a em Pedagogia pelo
Programa de Formação de professores da
Educação Básica –
PARFOR/UEPB/CAMPUS IV.

Artigo aprovado em 07/06/2019

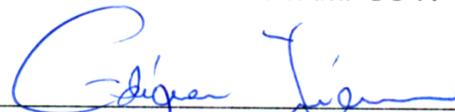
BANCA EXAMINADORA



Profª. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes
Orientadora – UEPB/CAMPUS IV



Profª. Dr. José Helber Tavares de Araújo
Examinador- UEPB/CAMPUS IV



Profª. Dr. Edivan da Silva Nunes Junior
Examinador- UEPB/CAMPUS IV

À minha esposa e aos meus filhos. À
minha mãe e a minha tia, por me
incentivarem na realização do meu sonho.

Dedico.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me impulsionar em busca de novos conhecimentos.

À minha família, por todo apoio que me deu durante a realização desse curso.

A Lúcia Nobre, por também contribuir na realização desse trabalho.

À orientadora prof. Maria Fernandes, pela paciência e orientação na elaboração desse projeto.

À coordenadora do PARFOR, Polo de Catolé do Rocha, Benedita Ferreira Arnaud, por sua dedicação.

Aos professores do Curso de Pedagogia CAPES/PARFOR/UEPB.

Aos funcionários da UEPB, pela presteza no serviço e atendimento quando necessário.

Aos colegas de classe pelos momentos de fraternidade e partilha.

“Só se pode alcançar um grande êxito quanto nos mantemos fiéis a nós mesmos”.

(Friedrich Nietzsche)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir a leitura e a escrita como atividades de acesso ao conhecimento como práticas sociais que ajudam no desenvolvimento cultural, intelectual e pessoal do indivíduo. Para isto, o ensino da leitura e da escrita precisa atender às necessidades do sujeito a fim de que ele possa interagir com diferentes textos, compreender e interpretar. Além disso, recorreremos ao relatório de estágio supervisionado para estabelecer um diálogo entre os aspectos teóricos e a experiência docente durante a regência do estágio. Esta pesquisa se insere em uma revisão de literatura sobre o assunto, na qual selecionamos um suporte teórico para embasar as nossas reflexões. Autores como Freire (2003), Soares (1998), entre outros fundamentaram a realização deste estudo bibliográfico. Os resultados apontam para a necessidade de um ensino de leitura e escrita pautado na construção de leitores críticos, capazes de argumentar, analisar e dissertar sobre variados temas.

Palavras-chave: Leitura. Escrita. Ensino. Aprendizagem. Estágio supervisionado.

ABSTRATC

This work aims to discuss reading and writing as activities of access to knowledge as social practices that help in the cultural, intellectual and personal development of the individual. For this, the teaching of reading and writing must meet the needs of the subject so that he can interact with different texts, understand and interpret. In addition, we used the supervised internship report to establish a dialogue between the theoretical aspects and the teaching experience during the internship. This research is inserted in a literature review on the subject, in which we select a theoretical support to base our reflections. Authors such as Freire (2003), Soares (1998), among others supported the accomplishment of this bibliographic study. The results point to the need for a teaching of reading and writing based on the construction of critical readers, able to argue, analyze and lecture on various topics.

Keywords: Reading. Writing. Teaching. Learning. Supervised internship.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 CONCEPÇÕES DE LEITURA: O PRAZER DE ENSINAR E APRENDER	12
1.1 O Processo de leitura	12
1.2 Leitura: concepções e práticas de ensino	13
1.2.1 Concepções	13
1.2.2 Prática de ensino.	15
1.3 Alfabetização e Letramento.....	16
1.4 A relação de ambiente e a aprendizagem de leitura.....	18
2 A CONSTRUÇÃO DA ESCRITA: UMA EVOLUÇÃO DA HUMANIDADE	19
2. 1 O Nascimento da escrita	19
2.2 Níveis de escrita	20
2.2.1 Pré-Silábico.	21
2.2.3 Silábico – Alfabético.	21
2.2.4 Alfabético.....	22
3 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA CONSTRUÇÃO DAS PRÁTICAS SOCIAIS DE LEITURA E ESCRITA	22
3.1 As contribuições de Emília Ferreiro e Ana Teberosky para a apropriação do ensino de leitura e escrita	22
4 O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA PRÁTICA EDUCATIVA	24
4.1 A relevância do estágio.....	24
4.2 Metodologia.....	24
4.3 A instituição escolar	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	28

INTRODUÇÃO

A leitura é uma atividade representativa para a vida do ser humano, através dela adquirimos novos conhecimentos e diversas aprendizagens indispensáveis para o nosso crescimento tanto social, quanto cultural e intelectual. Dessa forma, o ensino de leitura e escrita na escola precisa promover a construção de leitores críticos, capazes de argumentar, analisar e dissertar com veemência sobre assuntos diversos, considerando, para tanto, seus processos de formação, como também seus contextos socioeconômicos e políticos, elementos que os caracterizam.

As imposições educativas da sociedade contemporânea são crescentes e estão relacionadas às diferentes dimensões das pessoas: ao trabalho, a atuação social e política, a vida familiar e comunitária, os momentos de lazer e desenvolvimento cultural. As práticas sociais de Leitura e escrita além de indissociáveis são instrumentos de suma importância para uma formação geral, que possibilite cidadãos autônomos e atuantes nesta sociedade em constante mutação.

Os seres humanos são dotados de processos cognitivos que estão intimamente relacionados, dentre eles estão: a sensação, a percepção, a aprendizagem, a atenção, a memória e o pensamento, que inclui o raciocínio. Pelos processos cognitivos é possível organizar os conhecimentos sobre o mundo, construir categorias, estabelecer estratégias de aprendizagens e resolver problemas.

A questão da aquisição da leitura e da escrita é o debate dos meios através dos quais o indivíduo pode construir seu próprio conhecimento, pois sabendo ler e escrever, ele se torna capaz de atuar sobre o conhecimento acumulado pela humanidade através da escrita, e desse modo, produzir, ele também o seu próprio conhecimento, segundo pondera (CAGLIARI, 1989).

A leitura e escrita são atividades representativas para a vida do ser humano, através dela adquirimos novos conhecimentos e diversas aprendizagens indispensáveis para o nosso crescimento tanto social, quanto cultural e intelectual. Dessa forma, o ensino de leitura na escola precisa promover a construção de leitores críticos, capazes de argumentar, analisar e dissertar com veemência sobre assuntos diversos, considerando, para tanto, seus processos de formação, como também seus contextos socioeconômicos e políticos, elementos que os caracterizam.

Nessa perspectiva, este trabalho tem como objetivo discutir as concepções de leitura e escrita, observando os procedimentos de ensino para aquisição do conhecimento nessas modalidades nos anos iniciais do ensino fundamental. Dito isto, é preciso ressaltar a importância de o professor ter conhecimento das concepções e de estratégias de ensino que possam favorecer uma aprendizagem estimulante e significativa para o aluno nessa fase escolar.

O trabalho está estruturado em quatro tópicos: o primeiro trata de algumas concepções sobre o processo de leitura, no qual é destacado a importância do prazer e do aprender no ato da aquisição da leitura. O segundo momento é dedicado à discussão sobre a evolução da humanidade e, conseqüentemente, a evolução da escrita como prática social. Na sequência, fizemos uma abordagem acerca dos desafios e das dificuldades no ensino-aprendizagem da leitura e escrita; e, por fim, no quarto tópico, apresentamos algumas questões do relatório de estágio realizado durante o curso de Pedagogia-PARFOR na Escola Municipal Antônio Gomes do município de Catolé do Rocha.

1 CONCEPÇÕES DE LEITURA: O PRAZER DE ENSINAR E APRENDER

1.1 O Processo de leitura

A leitura é uma fonte de conhecimento que serve de motivação, estímulo para que a criança possa gostar de frequentar a escola e conseqüentemente de estudar, por isso é necessário ler muito, com regularidade, pois ler frequentemente significa aprender a conhecer, interpretar, compreender e distinguir os elementos fundamentais dos secundários. Sobre essa perspectiva, os Parâmetros Curriculares Nacionais leitura asseveram que a leitura:

[...] É um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor e de tudo o que sabe sobre a língua. Não se trata apenas de extrair informações da escrita, decodificando-a, letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituído antes da leitura propriamente dita. Qualquer leitor que conseguir analisar sua própria leitura constatará que a decodificação é apenas um dos procedimentos que utiliza quando lê (BRASIL 1997, p. 53).

Dessa forma, podemos constatar que é por meio da leitura que se tem acesso aos direitos e deveres de cidadão, a melhores colocações no mercado de trabalho, um entendimento mais profundo da vida em sociedade, à construção de um senso e participativo, no qual o homem se torna livre e autônomo, capaz de resolver problemas diante das adversidades históricas, culturais, econômicas e sociais. Refletindo sobre essa questão, Cagliari (1989) afirma que a leitura tem o poder de provocar transformação, compreensão e julgamento. Para o autor “Transformar, em leitura, se dá quando o leitor substitui a linguagem escrita em linguagem oral. Compreender se efetiva quando o leitor consegue captar ou dá sentido ao conteúdo da mensagem. Nesse sentido há três dimensões durante o ato da leitura: transformar, compreender e julgar. Assim, a compreensão de Cagliari (1989, p. 23) é a de que:

- Transformar, em leitura, se dá quando o leitor substitui a linguagem escrita em linguagem oral.
- Compreender se efetiva quando o leitor consegue captar ou dá sentido ao conteúdo da mensagem.

- Julgar é a aptidão que o leitor tem de investigar o valor da mensagem.

Para Freire (1982, p. 11): “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”, ou seja, a leitura do mundo que o leitor traz ao chegar a escola, visto que ele não é uma tábua rasa, mas alguém com algumas experiências individuais e coletivas do convívio social. Essa leitura de mundo é, na verdade, um elemento expressivo para conferir o sentido para aquilo que se lê, pois no ato da leitura, selecionamos, inferimos e transformamos informações em conhecimento a partir do que já sabemos sobre o mundo lá fora.

Nesse pensamento percebe-se, a eficácia do leitor não está ligada apenas à decodificação de sinais, mas, principalmente à capacidade de dar significado a esses sinais e compreendê-los. Essa aproximação do o leitor com o objeto lido é imprescindível durante a realização de situações concretas e desenvolvidas de acordo com os desafios e as respostas que o objeto lido apresenta.

1. 2 Leitura: concepções e pratica de ensino

1. 2. 1 Concepções

Na busca de uma explicação sobre a forma como o ser humano adquire e desenvolve conhecimento, inúmeros trabalhos de investigação se têm realizado. Estes estudos foram atribuindo à leitura um grande potencial, com a capacidade de induzir o aperfeiçoamento do indivíduo.

No entanto, é preciso lembrar que o domínio da leitura está relacionado a uma série de habilidades complexas que precisam ser desenvolvidas progressivamente, e mesmo esta, sendo uma atividade plenamente realizável, a realidade mostra o contrário. Nessa dimensão, a escola precisa repensar sua concepção de leitura e que significados ela aborda, a fim de rever sua prática de ensino promovendo reflexões sobre os procedimentos que poderão melhorar qualitativamente o ensino dessa competência tão ampla e representativa.

No que tange às concepções de leitura Kleiman (2001) considera que as práticas, ou seja, o conhecimento sobre o sentido da leitura para a formação do leitor, são empobrecedoras, mas que muitos professores ainda adotam sem

nenhuma reflexão sobre suas possíveis contribuições. A primeira concepção empobrecedora apresentada pela autora a de leitura como decodificação, que consiste apenas na tradução dos sinais gráficos em palavras; tal modalidade funciona como uma espécie de mapeamento entre os sinais gráficos da pergunta elaborada sobre o que foi lido e sua resposta nítida dada ao receptor no instante em que ele passa o olho sobre o texto. Essa concepção estaciona o leitor no tempo, não favorece uma abertura para as novas descobertas no mundo da leitura.

A segunda concepção, vê a leitura como avaliação e isso caracteriza-se por avaliar o aluno de acordo com sua capacidade leitora no momento da leitura em voz alta. De acordo com Kleiman (2001, p. 20), “esse é um outro tipo de prática que inibe, ao invés de promover a formação de leitores”. Em relação à terceira concepção, a autora aponta a leitura autoritária, que está ligada a ideia de que só há uma maneira de compreender o texto e interpretá-lo, por isso, a experiência e o conhecimento prévio do aluno são desnecessários. A o lado dessas concepções, alguns professores acabam adotando estratégias incoerentes ao ensino de leitura, o que dificulta a aprendizagem significativa da mesma.

A partir dessas reflexões teóricas, entende-se que os professores precisam estabelecer os objetivos de leitura no momento de ensinar aos alunos a ler e compreender um texto, atribuindo-lhe ou construindo significados, já que o sentido que o autor propôs ao texto pode ser alterado pelo leitor de acordo com seus conhecimentos prévios e com o objetivo da leitura. De tal modo, mesmo que o aspecto conteudista do texto seja inalterado, é viável que o leitor atento às questões do texto extraia informações distintas dentro de suas finalidades.

Smith (1989) foi um estudioso que se destacou nos estudos sobre a temática estudada, leitura e escrita, e dentro de suas colocações, ele apresenta o modelo de processamento psicolinguístico para a leitura. Segundo o autor, no momento da leitura a mente do leitor interage com o texto, favorecendo a esse receptor construir sentido perante o que leu: “processo de leitura ocorre através da predição, testagem e confirmação utilizada pelo leitor diante das pistas existentes no próprio texto; a partir de então, o leitor prediz o que será lido de acordo com a situação em que ocorre a leitura e constrói seu campo semântico” (SMITH, 1998 p. 32). Assim, considerando todas as teorias estudadas pode-se ressaltar que a leitura é um processo repleto de complexidade que, por sua vez, gera outros processos

possíveis na medida em que houver a interação entre o texto e o leitor, entre o homem e a máquina, numa influência mútua pessoal e/ou virtual.

1.2.2 Prática de ensino

Levando em consideração as concepções de leitura discutida acima, muitas são suas implicações no ensino e na organização de atividades diárias de leitura cuja aprendizagem depende muitas vezes do estímulo da escola e dos professores que, ao ver os alunos como centro do processo ensino-aprendiz precisam envolvê-los em projetos de leitura, sugerindo atividades de contação de histórias e leitura de diferentes textos a serem lidos em sala de aula como também em casa, e posteriormente abrir um espaço para o debate no qual os alunos possam expor suas impressões sobre o que leram.

A comunidade de leitores e escritores se estabelece quando um conjunto de indivíduos conseguir se comunicar, sempre que necessário, de forma clara e organizada por meio de diversos gêneros, nas mais diversas situações sociais tanto escrevendo com coerência, e de acordo com as normas da língua como lendo fluentemente e atribuindo sentido ao ensino de leitura, de forma que haja interação entre o próprio texto.

Dessa maneira o trabalho escolar se ajusta de forma abrangente: por um lado, as intervenções pedagógicas estão a serviço dessa aprendizagem; por outro devem, pela intervenção leitora, promover a comunidades leitoras. Isto é, ao mesmo tempo em que aprendem a ler, os alunos já devem ser estimulados a integrar essas comunidades, posicionando-se de forma crítica e ativa no mundo da leitura. Dessa maneira é inegável a importância da intervenção pedagógica escolar no que se refere à leitura.

[...] a proposta de que a leitura seja enfatizada na sala de aula significa o resgate de função primordial [...], buscando sobretudo a recuperação do contato do aluno com a obra de ficção. Desse intercâmbio, respeitando-se o convívio individualizado que se estabelece entre o texto e o leitor, emerge a possibilidade de um conhecimento do real, ampliando os limites – até físicos, já que a escola se constrói como um espaço à parte – a que o ensino se submete (ZILBERMAN, 2009, p.35)

Nessa concepção pode-se perceber que, o trabalho da escola com a leitura deve ser guiado por práticas muito próximas de contextos extraescolares. No contexto social, lê-se por muitos motivos e de diferentes maneiras. E para cada um desses propósitos temos que coordenar diversos procedimentos. Nesse contexto, conforme FOUCAMBERTE, 2008, p.21):

O nível de leitura depende, no mínimo, tanto do papel que o sistema social entende dar leitura quanto das práticas pedagógicas propriamente ditas. É ilusório acreditar que técnicas novas podem modificar profundamente comportamentos, independentemente de transformações, trata-se de um combate a ser travado em longa frente de batalha.

Em síntese, pode-se observar que dificuldades podem surgir por diversas razões, como na proposta pedagógica, formação do professor, conflitos familiares ou déficits cognitivos, entre outros. Através da leitura, exercita-se a inteligência e entrega-se com o mundo, adquirindo novos conhecimentos, a leitura tem um lugar de destaque na vida das pessoas, ela dar a virtude do conhecimento, a capacidade de combinar ideias planos, simplificar assuntos, torna-nos mais críticos e renova nossa criatividade.

1. 3 Alfabetização e Letramento

A alfabetização e letramento são palavras de sustentação para o mundo social, pois é através da alfabetização e do letramento que o indivíduo passa a participar ativamente do mundo no exercício de suas funções sociais, buscando torna-se um cidadão consciente, com domínio de código convencional da leitura e da escrita em práticas sociais.

Em se tratando da concepção de alfabetização, Soares (1990), envolvendo ideias construtivista a respeito da realidade da criança ou do adulto, seu desenvolvimento pessoal e crescimento como cidadão resume que:

Alfabetizar é propiciar condições para que o indivíduo-criança ou adulto tenham acesso ao mundo da escrita, tornando-se capaz não só de ler e escrever, enquanto habilidade de decodificação e codificação do sistema de escrita, mas, sobretudo, de fazer uso real e adequado da escrita em todas as funções em que ela tem em

nossa sociedade, também como instrumento de luta pela conquista da cidadania (SOARES, 1990, p.17).

Nessa perspectiva os indivíduos se interagem, tanto numa conversa informal quanto pela escrita. Assim, é através da linguagem que é possível expressar ideias, pensamentos, intenções interpessoais anteriormente existentes em contextos diversos e influenciar os outros, modificando as representações que fazem da realidade.

A linguagem enriquece as possibilidades de comunicação e expressão, concomitantemente representa um potente veículo de socialização e cada língua e cada sociedade; carrega em sua estrutura uma forma própria de ver e compreender o mundo, o qual se relaciona as características de cultura e grupos sócias singulares, os quais constroem um sentido da relevância social, segundo destaca (MORTATTI, 2010 p. 34).

Dando destaque a suma importância que o sujeito representa para a sociedade e sua relação com mundo letrado, Soares (2004, p 43) expressa que: “Letramento é usar a escrita para se orientar no mundo (o atlas), nas ruas (os sinais de transito) para receber instruções (para encontrar um tesouro... para consertar um aparelho... para tomar um remédio), enfim, é usar a escrita para não ficar perdido.” A partir desse entendimento surge uma decisão pedagógica fundamental, a de ampliar o conhecimento da criança de maneira que ela possa ler e produzir diferentes texto som proficiência. E isso exige da parte da escola uma preocupação mais aguçada com o desenvolvimento dos conhecimentos e da razão relacionados à aprendizagem da escrita alfabética.

Ainda de acordo com Soares (1998, p. 47), “Alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário, o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita.” Nessa mesma ótica, Morais e Albuquerque (2004) confirmam que alfabetizar letrando faz-se necessário democratizar a vivencia de práticas de uso da leitura e escrita e ajudar a criança ativamente reconstruir essa invenção social que é a escrita alfabética.

Na sua concepção de alfabetização Ferreiro (2001) opõe-se a Soares (1998) quando enfatiza que o processo de alfabetização é restrito, refere-se apenas ao aprender/ensinar a ler e escrever, a codificar e decodificar os signos linguísticos. No

seu ponto de vista como alfabetizadora o processo de alfabetização e letramento são conceitos que embora distintos constituem-se em elementos complementares.

Por fim, deve-se somar os argumentos apresentados, a necessidade de implantação de políticas públicas, que tenham como prioridade a qualidade da educação, dando o real valor que merece os anos iniciais do Ensino Fundamental, equipando as escolas com recursos tecnológicos e promovendo formação continuada aos profissionais da educação, com a perspectiva que estes venham representar notoriedade em suas práticas pedagógicas.

1.4 A relação de ambiente e a aprendizagem de leitura

A leitura é fonte de conhecimento, sabedoria e cultura; um importante caminho para o manifestar da imaginação e das mais variadas criações na mente das pessoas e em especial das crianças. É um dos meios mais eficientes do progresso da linguagem e da personalidade, pois envolve escrita, a oralidade e a imaginação, que influenciam na formação social dos educandos, conforme pensamento de (MARTINS, 1994).

O sujeito que ler tem reflexão crítica da realidade, a partir do texto ele terá compreensão do mesmo se houver situação significativa, com leituras do contexto real do leitor. O incentivo da leitura se dá principalmente quando iniciada desde a infância. A criança ao iniciar no mundo da escrita, já representa o conhecimento do mundo, pressupostos empreendidos por (LAJOLO, 2003). Ainda nessa linha de pensamento, Arena (2006), reforça essa informação apontando que o papel do mediador da leitura é fundamental, pois:

[...] nem todas as crianças são leitoras de textos impressos por questão na escola. Ali, elaboram equivocadamente o conceito de que saber ler é saber pronunciar as palavras, mas o que impulsiona a criança ou o adulto a continuar uma leitura iniciada é a compreensão, base da leitura. [...] portanto, não bastaria existir o livro sem mediação como se os leitores previamente já existissem (ARENA, 2006 p. 10).

Dessa forma, os ambientes de aprendizagem devem contemplar uma vertente afetiva, dando oportunidades de contato e exploração da leitura bem com o

papel dos adultos enquanto paradigma e ingredientes incentivadores de apoio. Os ambientes de aprendizagem devem:

- ✓ Encorajar a exploração e reflexão sobre o escrito e a sua interpretação;
- ✓ Promover o prazer e a satisfação da leitura;
- ✓ Serem ricos em oportunidades de interação com o texto escrito e estimulantes, incentivando as explorações e os esforços para interpretação do texto escrito, de um modo integrado e prático, com tarefas ajustadas às vivências e rotinas do dia-a-dia;
- ✓ Dar atenção às particularidades, aos interesses e às etapas de desenvolvimento de cada indivíduo;
- ✓ Promover a articulação e interação com a família, envolvendo-as nas suas práticas de leitura, estimulando a continuidade, a variedade e assiduidade de diferentes leituras.
- ✓ Construir com as crianças fichas de imagem, nos quais cada imagem se encontra associada a respectiva denominação;
- ✓ Introduzir com regularidade mensagens escritas ou indicações para as crianças num local previamente combinado;
- ✓ Introduzir momentos de leitura coletiva;
- ✓ Criar oportunidade de correspondência com crianças de outras salas de aula ou até mesmo de outras escolas e locais;
- ✓ Proporcionar com frequência, momentos de leitura e contação de histórias; identificando o seu autor, o ilustrador, o título da histórias, o local onde a história aconteceu entre outros.
- ✓ Ler e facilitar o acesso a leituras de qualidade diversificadas;
- ✓ Oportunizar momentos de leitura na família, construindo um sistema de aquisição de livros, conversando e orientando os pais na sua leitura compartilhada com os filhos (ARENA, 2006 p. 24)

Enfim, como já visto a leitura é uma fonte de conhecimento inigualável, já que a formação leitora é um eixo transversal em todo o processo de formação da cultura, consolidando assim, a relação entre os saberes. Além disso, a leitura provoca o senso crítico de ler, libertando das amarras da opressão, uma vez que o sujeito que ler tem mais autonomia para se posicionar, criticar, julgar e transformar ideias.

2 - A CONSTRUÇÃO DA ESCRITA: UMA EVOLUÇÃO DA HUMANIDADE

2.1 O Nascimento da escrita

A escrita apareceu na vida do homem a partir da necessidade social de se comunicar em sistema pictográfico e inicialmente não representava uma relação com

a fala. Ela tem origem no movimento em que o homem aprendeu a comunicar seus pensamentos e sentimentos por meio de signos. Pode-se dizer que a pintura foi um antecedente da escrita. Esse meio de comunicação apresentava apenas as ideias visuais, segundo concepções de (WALKER, 1996).

Conforme Cagliari (1993, p. 106). “A história da escrita vista no seu conjunto, pode ser caracterizada em três fases distintas: a pictórica, a ideográfica e a alfabética”. A fase pictórica se diferencia pela escrita através de desenhos ou pictogramas, onde estes aparecem em inscrições antigas, porém que podem ser vistas de maneira mais detalhada nos contos Ojibwa da América do Norte, na escrita asteca, nas histórias em quadrinhos, entre outros. Os pictogramas não estão ligados a um som, ou seja, à imagem do que se quer representar. Consiste em representações bem simplificada dos objetos da realidade e um exemplo mais recente dessa fase são as histórias em quadrinhos, como lembra (FERREIRO, 1991).

A segunda fase caracteriza-se pela escrita através de desenhos especiais chamados ideogramas. Esses desenhos forma ao longo do tempo, perdendo alguns traços mais representativos das figuras retratadas e tornaram-se umas simples convenções da escrita. As letras do nosso alfabeto surgiram desse tipo de mudança, sendo que as escritas ideográficas mais importantes são a egípcia, a mesopotâmia, os escritos do mar Egeu e a chinesa. Já fase alfabética tiveram origem nos ideogramas, mas que perderam o valor ideográfico, assumindo uma nova função da escrita: a representação puramente fonográfica, destaca (FERREIRO,2001).

2.2 Níveis de escrita

Adentrar a criança ou o indivíduo no mundo letrado é permitir que, ela seja a capaz de construir seu próprio conhecimento, tendo em vista sua forma de conhecer e compreender o mundo que o rodeia. Nessa perspectiva, a escrita é uma linguagem representada, onde as palavras permanecem vivas a todo tempo guardadas pelas lembranças da humanidade e transmite, por meios de ensinamentos valiosos, todo o seu potencial através do processo de ensino e aprendizagem.

Entender é reconhecer o processo da construção e reconstrução do pensamento diante da própria experiência, sendo de grande relevância a interação

desta para a descoberta de uma ação. Para uma melhor compreensão do processo de construção da escrita, se faz necessário fazer uma abordagem sobre os níveis de construção da escrita que, segundo as pesquisadoras Emília Ferreiro e Ana Teberosky são: Pré-silábico, silábico, silábico alfabético e alfabético.

2.2.1 Pré-Silábico

Descreve-se por uma procura para tentar fazer a diferença entre as escritas produzidas sem nenhum cuidado com as propriedades sonoras da escrita. Nesse nível as partes da escrita não correspondem às partes do nome. Fase gráfica primitiva – símbolos e pseudoletas, misturadas com letras e números. Em síntese, neste nível, a criança não estabelece relação entre escrita e fala, ela consegue se expressar através de desenhos rabiscos e letra aleatoriamente; utiliza muitas letras para expor a palavra desejada (objeto grande) e poucas letras para objeto pequeno, ou seja, somente eles sabem o que desejam escrever, conforme pondera (FERREIRO, 1991).

2.2.2 Silábico

Neste nível a criança necessita e tem que perceber que a letra é a menor unidade da palavra, entender a vinculação sonora das palavras, fazer a relação entre fonema (som) e grafema (escrita), palavras diferentes se escrevem de maneira diferente, superar o critério usado de variedade de letras e número mínimo de letras e de que uma letra pode se repetir numa palavra. Em suma, a criança neste nível a criança começa a ter consciência de que existe uma relação entre fala e escrita, entre os aspectos gráficos e sonoros da palavra, tentando dar valor sonoro as letras e sinais, com a finalidade de representar a palavra pronunciada. Essas concepções partem do pensamento de (FERREIRO, 2001).

2.2.3 Silábico – Alfabético

No nível silábico-alfabético existem duas formas de correspondência entre sons e grafias: silábica (silaba é o som produzido de uma vez só) e alfabética

(investigação fonética e/ou investigação dos fonemas, que são os elementos da linguagem e tem nas letras o seu correspondente). Ainda neste nível a criança começa a acrescentar letras na primeira sílaba.

O período silábico-alfabético marca a transição entre os esquemas prévios a ser abandonados e os esquemas futuros que virão ser construídos. Começam então, a descobrir que a sílaba pode ser escrita com uma, duas, três ou mais letras que, o som não garante a identidade de letras e nem dos sons, partindo assim, para o nível alfabético, segundo (FERREIRO, 2001).

2.2.4 Alfabético

Nesse processo, o nível alfabético define-se pela correspondência entre fonemas e grafias. Existe a compreensão da escrita alfabética, onde todos os fonemas devem estar representados. O estudo se aprofunda e é possível perceber a compreensão de que uma sílaba pode ter uma ou mais letras.

A escrita tem sua função se suma na leitura, ou seja, escrever é escrever para alguém ler. Por esta razão, é relevante veicular o texto produzido; caso isso não aconteça o aluno passara a ser um leitor limitado a escola, onde o fim é verificar acertos e erros. Tornando a escrita vazia sem sentido. Para Ferreiro (2001) espera-se que a criança aprenda, mesmo com os erros de aprendizagem durante a alfabetização.

3 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA CONSTRUÇÃO DAS PRÁTICAS SOCIAIS DE LEITURA E ESCRITA

3.1 As contribuições de Emília Ferreiro e Ana Teberosky para a apropriação do ensino de leitura e escrita

Emília Ferreiro nasceu em 1936 na Argentina, psicolinguista doutorou-se pela Universidade de Genebra, sob orientação de Jean Piaget, de quem se tornou colaboradora, aprofundando seus estudos no campo da escrita. Iniciou sua pesquisa na Argentina em parceria com Ana Teberosky, publicando os resultados da obra em

1979, que no Brasil recebeu o título de Psicogênese da Língua Escrita, e causando grande influência na maneira de enxergar a criança no processo de aquisição da leitura e da escrita.

Ana Teberosky nasceu em Buenos Aires no ano de 1944. Pedagoga e doutora em psicologia ao lado de Emília Ferreiro investigou o processo de aquisição da escrita pela criança, desenvolveu suas pesquisas na área da linguagem e foi responsável pela transposição didática da teoria psicogenética da escrita.

O processo evolutivo de aprender a ler e escrever passa por níveis de conceitualização, o que elas denominaram de hipóteses de escrita da criança. Esses pressupostos foram definidos da seguinte forma, de acordo com Ferreiro (2001): Nível 1: Hipótese pré-silábica; Nível 2: Intermediário I; Nível 3: Hipótese Silábica; Nível 4: Hipótese Silábico-Alfabética ou Intermediária II; e Nível 5: Hipótese Alfabética.

As autoras citadas acima defendem que, em cada nível, a criança elabora alguma hipótese a respeito dos processos de construção da leitura e escrita. A partir dessa compreensão, a criança só passará de um nível para outro quando estiver frente a situações que seu nível não puder explicar, elaborará, então, novas hipóteses e novas questões e assim por diante, indicando assim, que o processo de assimilação de conceitos é gradativo.

Sendo assim, podemos dizer que os estudos feitos por Ferreiro e Teberosky retratam provocam o reconhecimento de que o processo de apropriação de leitura e da escrita não acontece em única etapa, mas de forma progressiva, onde o sujeito vai construindo concepções, regras adquirindo e readquirindo hipóteses, ou seja, ele passa por várias mudanças até chegar a heterogeneidade da escrita. Conforme lembra Ferreiro, ao assinalar que:

A construção do conhecimento da leitura e da escrita tem uma lógica individual, embora aberta a interação social, na escola ou fora dela. No processo, a criança passa por etapas, com avanços e recuos, até se apossar do código linguístico e dominá-lo. O tempo necessário para o aluno transpor cada uma das etapas é muito variável. Duas das consequências mais importantes do construtivismo para a prática de sala de aula são respeitar a evolução de cada criança e compreender que um desempenho mais vagaroso não significa que ela seja menos inteligente ou dedicada do que as demais. (FERREIRO,2001, p.77).

Dessa forma, torna-se notável que toda criança passa por esses níveis até conseguir obter essa complexidade da escrita, e cada uma tem o seu próprio ritmo de transição de um nível a outro, o que deve ser levado em consideração pelos alfabetizadores, pois um grande erro presente na educação é a falta de conhecimento por parte dos docentes, em que desconhecem que cada criança possui as suas próprias necessidades e dificuldades, e que deve ser levado em conta, já que nem todas aprendem com a mesma aptidão.

4 O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA PRÁTICA EDUCATIVA

4.1 A relevância do estágio

Após os estudos teóricos percorridos neste trabalho, trataremos da relevância do Estágio Supervisionado/Regência. O estágio é uma prática de aprendizado por meio do exercício de funções referentes à profissão que será exercida no futuro e que adiciona conhecimentos práticos aos teóricos aprendidos nos cursos de graduação. Assim, o estágio supervisionado proporciona ao licenciado o domínio de instrumentos teóricos e práticos imprescindíveis à execução de suas funções.

Busca-se, por meio desse exercício beneficiar a experiência e promover o desenvolvimento, no campo profissional, dos conhecimentos teóricos e práticos adquiridos durante o curso nas instituições superiores de ensino, bem como, favorecer por meio de diversos espaços educacionais, a ampliação do universo cultural dos acadêmicos, futuros professores.

O Estágio Supervisionado é uma oportunidade de vivenciar os estudos adquiridos de forma real, absorvendo as propostas aprendidas e participando ativamente do processo de ensino e aprendizagem. Durante essa experiência pudemos constatar e contrastar as teorias percorridas no referencial teórico no que diz respeito a leitura e a escrita, analisando os níveis de leitura e escrita difundidos por Emília Ferreira e Ana Teberosky na teoria psicogenética da escrita.

4.2 Metodologia

Em se tratando da metodologia o trabalho foi realizado a partir da pesquisa qualitativa considerando que a função do professor na sala de aula é de fundamental importância para a construção da aprendizagem e a aquisição da leitura e da escrita são práticas indissociáveis

Na oportunidade realizou-se um estudo bibliográfico usando conceito sobre ler e escrever, estudos de pesquisadores sobre as dificuldades de leitura entre outros. O método de procedimento adotado será centrado na descrição; uma vez que a perspectiva ora realizada conta da análise descritiva de como ocorre o processo de aquisição da leitura e escrita, quais procedimentos serão necessários para que a aprendizagem aconteça.

4.3 A instituição escolar

A escola escolhida para realização do Estágio pertence a rede Municipal de Ensino. Trata-se da Escola Municipal Antônio Gomes, localizada Município de Catolé do Rocha no Estado da Paraíba. A referida escola foi inaugurada no ano de 1974, na administração do Prefeito José Sergio Maia.

O espaço físico da escola Com salas amplas bem arejadas (07 salas de aula), (01 Diretoria, 01 secretaria, 01 sala de professores, 01 sala de laboratório de informática e cine-aula), 04 banheiros, 01 quadra escolar, 1 cozinha, 01 bebedouro bem higienizado. Todas essas dependências comportam 241 alunos distribuídos nos turnos matutino e vespertino, no ensino infantil, fundamental I e Educação de Jovens e Adultos - EJA.

Para atender a demanda a instituição conta funcionários, que desempenham as seguintes funções: Diretor escolar, secretário, coordenador pedagógico, professores, vigilantes, merendeiras e auxiliares de serviços gerais.

O período de observação foi realizado na sala do 3º ano, com 23 (vinte e três) alunos no período matutino. A professora titular não apresentou nenhuma dificuldade para atingir os objetivos da aprendizagem dos alunos, ela disponibilizou materiais adequados para as atividades, explicando de forma carinhosa, isto é, há uma relação de afetividade expressiva entre a professora e as crianças, pois no ato da recepção das atividades foi possível perceber uma reciprocidade de afetos entre ela e as crianças.

Diante do exposto ficou constatado que os alunos tinham pouco acesso à diversidade textual, por esta razão foi desenvolvidas atividades de intervenção envolvendo gêneros textuais em especial Poemas a partir da referida atividade intitulada como “Café com Poesia” em seguida foi trabalhado sequências didáticas.

Na oportunidade foi exposto para os alunos vários poemas, possibilitando assim, a construção do conhecimento e a aproximação das práticas de leitura em seguida a construção da escrita. Nesse momento foi apresentado o Cordel “Moça Roubada de J. Borges”; o feita a leitura do mesmo e no ensejo demonstrou-se xilogravuras e característica do gênero textual cordel. Durante esse período trabalhamos em Arte a construção de um mural de xilogravuras. Dando um enfoque especial a disciplina Língua Portuguesa realizou-se a o reconhecimento e a contagem da quantidade de versos e estrofes; nessa conjuntura os alunos construíram outros poemas/cordéis para serem apresentados na Praça Pública em Catolé do Rocha durante o Evento Semana Literária, promovido pela Secretaria Municipal de Educação.

Vale salientar que a experiência do Estágio Supervisionado/Regência foi muito pertinente para a aprendizagem profissional, podemos considera-lo o ápice do curso, uma vez que contribuiu significativamente para o crescimento profissional já que, esse trabalho foi pautado na realidade do indivíduo em processo de construção do conhecimento.

Vimos *in loco* todo o funcionamento de uma escola e de uma sala de aula, vivenciando os desafios e as conquistas do processo de ensino e aprendizagem e percebemos que as teorias estudadas são relevantes a compreensão de como acontece a aprendizagem, porém a prática de sala de aula realmente funciona como a concretude de tudo que vislumbramos nas cadeiras acadêmicas. Dessa forma, consideramos o Estágio Supervisionado/Regência uma etapa valorosa para a perpetuação da profissão que ora seguiremos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É bem verdade que o ensino-aprendizagem da leitura e da escrita é o grande desafio do século XXI, e para isso, ela precisa ser vista com um novo olhar pelos profissionais da educação, introduzindo nas instituições escolares uma proposta pedagógica que dê suporte ao pleno desenvolvimento das duas concepções envolvidas para a aprendizagem da leitura e escrita – a primeira, através de seus usos sociais e o sistema de escrita através da apropriação fonema/grafema, para que tenha-se, assim, resultados mais expressivo em relação ao processo de ensino e aprendizagem de ambos nos anos iniciais do ensino fundamental.

É bem verdade que o ensino-aprendizagem da leitura e da escrita é o grande desafio do século XXI, e para isso, ela precisa ser vista com um novo olhar pelos profissionais da educação, introduzindo nas instituições escolares uma proposta pedagógica que dê suporte ao pleno desenvolvimento das duas concepções envolvidas para a aprendizagem da leitura e escrita – a primeira, através de seus usos sociais e o sistema de escrita através da apropriação fonema/grafema, para que tenha-se, assim, resultados mais expressivo em relação ao processo de ensino e aprendizagem de ambos nos anos iniciais do ensino fundamental.

Desse modo, ler, tendo em vista as especificidades do processo inicial da língua escrita e oral, é sem dúvida o caminho para superação dos problemas que se enfrentam nesta etapa da escolarização, porque só assim têm-se professores capazes de operacionalizar em métodos e procedimentos do ensino da leitura e escrita.

Percebemos que as especificidades do processo inicial da língua escrita e oral, é sem dúvida o caminho para superação dos problemas que se enfrentam nesta etapa da escolarização, porque só assim têm-se professores capazes de operacionalizar em métodos e procedimentos do ensino da leitura e escrita.

Portanto, deve-se somar aos argumentos apresentados, enfatizado à necessidade de repensar o ensino-aprendizagem da leitura e escrita e sua concepção para torná-lo significativo enquanto prática social. Enfim, as discussões não se encerram nessas considerações, apenas serão subsídios para um aprofundamento temático, que gere reflexões sobre a relação do ensino de leitura e

escrita. Essas discussões são, ainda, um convite para uma investigação acerca do contexto de sala de aula. Esperamos que as inquietações e discussões apresentadas no decurso do curso de Pedagogia sirvam como ponto de partida para as inúmeras reflexões e possíveis transformações no que se refere ao processo de ensinar e aprender.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução**. Brasília/ DF: MEC, SEF, 1997.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo. Scipione, 1989.

_____, Luiz. Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 1993.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. Tradução Horácio Gonzáles et.al.24ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Lichtenstein, Diana Myriam (trad.); Marco, Liana Di (trad.); Corso, Mário (trad.). 4.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à Prática educativa**. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FOUCAMBERT, Jean. **Modos de ser leitor. Aprendizagem e ensino da leitura no ensino fundamental**. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

GARCIA, J. N. **Manual de Dificuldades de Aprendizagem: Linguagem, leitura, escrita e Matemática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

KLEIMAN, A. **Leitura: ensino e pesquisa**. Campinas, SP: Pontes, 2ª ed, 2004.

_____. **Oficina de leitura. Teoria e prática**. 8 ed. Campinas. SP: Pontes, 2001.

LAJOLO, Marisa (Org.). **A importância do ato de ler**. São Paulo: Moderna, 2003

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 18 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994 (Coleção Primeiros Passos).

MORAIS, A. G. e ALBUQUERQUE, E. B. C.; LEAL, T> F. **Alfabetização de jovens e adultos em uma perspectiva do letramento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **História dos Métodos de Alfabetização no Brasil**. SP- Pontes, 2010.

Nova Escola, São Paulo: Abril, n.194, p.30-37, ago. 2006.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SMITH, F. **Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender**. Porto Alegre; Artes Médicas, 1989.

WALKER, C. B. F. **Lendo o passado: do cuneiforme ao alfabeto. A história da escrita antiga**. São Paulo: Edusp, 1996.

ZILBERMAN, Regina. **A escola e a leitura: velhas crises, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.